

ASSÉDIO

Willian de Oliveira Richter – 2º ano do técnico em Informática

Chegando em casa do trabalho, desço do ônibus no Centro. Carros muitos carros passando na rua, atravesso metade da Avenida Central e fico para no meio dela, esperando parar o movimento dos carros para passar, como sempre faço depois do trabalho.

Alguém buzina com persistência. Olho, não reconheço o indivíduo, viro de costas novamente e sigo meu trajeto. Ele volta a buzinar. Olho novamente. Decididamente, não sei quem é a pessoa que vira a esquina para estacionar o carro, me olhando pelo retrovisor. E ali permanece no lugar.

Eu no meio da rua, já sem saber o que fazer, outro carro passa e buzina gritando: “Gostosa”! O cara que estava estacionado põe a cabeça para fora e grita, xingando o outro cara. Continuo no mesmo lugar.

Atravesso a rua. Desvio o caminho faço um trajeto mais longo pelo quarteirão, para despistar aquela pessoa, com tensão, asco e raiva. Às vezes o caminho mais longo é a solução.

Chegando em casa, não muito feliz com a situação, penso na minha raiva de não poder reagir à situação horrível que sofri. Fiquei intimidada, estava sob risco de ser assediada e atropelada brutalmente.

Como aprendi a me defender na vida, sozinha, não sou de me intimidar. Se não sou capaz de usar a força bruta, uso as palavras

ao meu favor. Se há um nó na garganta, a voz sai pelos sinais das minhas mãos. E assim, peço, por favor, aos homens que ainda tem muito a evoluir, que não sejam coniventes com os “ómi”, e ajudem a ensiná-los o básico de respeito, que parece fora dos padrões instituídos pelo machismo. Por favor, ensinem os homens a serem gente!